

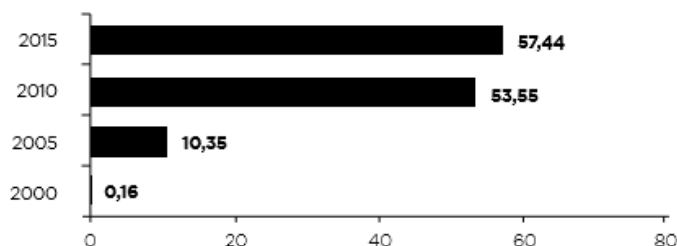
TELECOMUNICAÇÕES

EM BUSCA DO EQUILÍBRIO CONCORRENCIAL

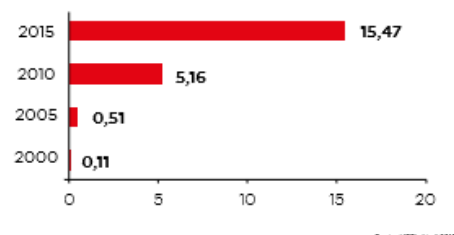
Sebastião Vemba

O sector das telecomunicações em Angola é hoje dominado por um único grupo empresarial, mas especialistas defendem a fusão de empresas para que se constituam mais grupos com o mesmo músculo financeiro e que confirmem mais concorrência ao mercado. Para tal, são necessárias mais infra-estruturas de apoio à actividade das empresas que, até aqui, têm investido recursos próprios nesta área, o que também encarece o seu custo de produção. Entretanto, e considerando o papel fulcral das telecomunicações na economia dos países, o Governo está a executar vários projectos, como é o caso do satélite angolano, cujo lançamento está marcado para 2017, com o qual o país pretende tornar-se uma potência em África no domínio das telecomunicações.

EVOLUÇÃO DA TELEDENSIDADE MÓVEL (%), 2000-2015



EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE UTILIZADORES DE INTERNET (%)



À semelhança do que se registou nos mercados internacionais, nos próximos cinco anos, o sector das telecomunicações em Angola poderá registar fusões de empresas que se especializarão em determinados segmentos do negócio, o que representará,

de acordo com especialistas, uma maior oferta de bens e serviços no mercado, a preços mais competitivos, provocando-se, deste modo, uma maior concorrência entre os operadores.

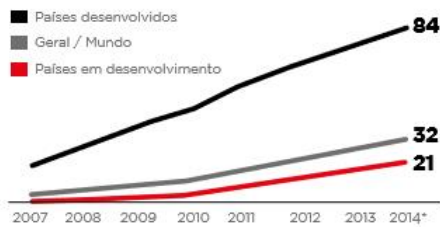
Esta alteração será resultado dos investimentos de que o

sector tem beneficiado nos últimos oito anos, sendo que, desde 2008, apontam especialistas, vários projectos estruturantes arrancaram, embora a sua implementação seja demorada, devido a características próprias das telecomunicações.

Angola teve que recuperar todas as infra-estruturas degradadas, mas, como a sua recuperação representava um grande encargo para o Estado, e por outro lado as empresas precisavam de se expandir por outras regiões do país, elas próprias fizeram investimentos

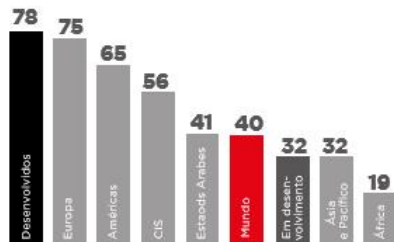
Fonte: ITTL, ISTAT 2016

ASSINATURAS ACTIVAS DE BANDA LARGA MÓVEL POR CADA 100 HABITANTES.



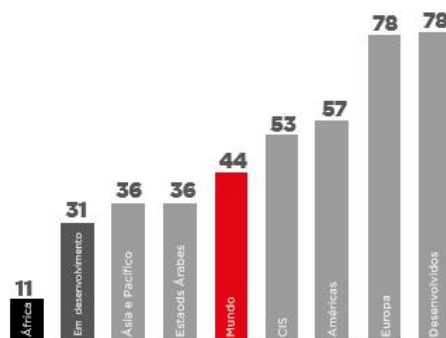
*Estimado
Fonte: ITU World Telecommunication/ICT Indicator database

PERCENTAGEM DE UTILIZADORES DE INTERNET POR REGIÃO



Fonte: ITU World Telecommunication/ICT Indicator database

PERCENTAGEM DE DOMICÍLIOS COM ACESSO À INTERNET POR REGIÃO



Fonte: ITU World Telecommunication/ICT Indicator database



António Geirinhas, Director da Multitel

neste sentido para se poderem diferenciar no mercado.

Foi este o caminho seguido pelas empresas de telefonia, particularmente, que, de acordo com o director da Multitel, “fizeram um trabalho extraordinário para cobrir o país com as suas antenas de distribuição dos serviços, e, com alguma agressividade comercial, conseguiram alcançar um crescimento muito rápido”.

CRESCER MAIS QUEM MAIS INVESTE

António Geirinhas aponta que o investimento individual das empresas foi fundamental para que elas se desenvolvessem, sendo que conquistou mais mercado quem mais investiu.

APESAR DOS ACTUAIS ESFORÇOS, LUANDA E MAIS MEIA DÚZIA DE CIDADES SÃO OS ÚNICOS LOCAIS ONDE OS SERVIÇOS DE TELECOMUNICAÇÕES SE EQUIPARAM COM O QUE SE OFERECE EM MERCADOS DESENVOLVIDOS, MAS ANTÓNIO GEIRINHAS, DIRECTOR DA MULTITEL, LAMENTA QUE O RESTO DO PAÍS AINDA CAREÇA DE ATENÇÃO.

57,4% DA POPULAÇÃO TEM ACESSO À REDE MÓVEL

Actualmente, 57,4% da população tem acesso à rede de telefonia móvel, sendo que o crescimento mais significativo foi registado no período 2000-2005, com um aumento de 64,7, devido à liberalização do mercado e à implementação das demais políticas do Governo traçadas no Livro Branco das Telecomunicações.

De acordo com dados oficiais divulgados em 2011, 83,3% dos agregados familiares têm telefone da rede móvel na área urbana, enquanto esta percentagem cai para 24,1% na área rural. Os mesmos dados apontam que quase a totalidade dos agregados familiares mais ricos da população (99,1%) tem telefone da rede móvel, mas apenas 4,3% dos agregados familiares do quintal pobre da população tem telefone da rede móvel.

Apesar de, até aqui, o país ter acompanhado a tendência mundial de crescimento da teledensidade móvel, de acordo com a União Internacional das Telecomunicações, as previsões para 2015 apontam para um crescimento relativamente abaixo da média africana (73,5%) e dos

países em desenvolvimento (91,8%), situando-se em 57,4%.

Relativamente aos serviços de telefonia fixa, hoje apenas 1,15% da população usufrui de uma rede fixa de telefone. O crescimento mais significativo nesta área foi registado no período 2010-2015, com um aumento de 140% devido principalmente à entrada em funcionamento, a partir de 2010, do conjunto de linhas instaladas por via do programa de Desenvolvimento da Rede Básica (2006-2010).

Já em relação aos serviços de internet, 15,47% da população beneficia deles. O crescimento mais significativo, de acordo com dados do Ministério das Telecomunicações e Tecnologia de Informação, disponibilizados em Abril deste ano, registou-se no período 2005-2010, com um aumento de 10,2% devido à introdução dos operadores móveis de tecnologias de terceira e quarta geração, o que permitiu o acesso à banda larga por parte da população através de smartphones, tablets e outros dispositivos móveis.

“Neste momento, o país só tem um grande grupo de telecomunicações, que investiu para atingir o desenvolvimento e posição que hoje ostenta, sendo que é o operador mais próximo de oferecer o serviço *quatro-play*”, que inclui voz fixa, voz móvel, dados e televisão.

Questionado sobre se o mercado está em condições de ter um terceiro operador de serviços de telefonia móvel, António Geirinhas imediatamente respondeu: “o país nem sequer tem o segundo grande grupo, mas defendo que, surgindo este, seja uma empresa estatal e que funda algumas empresas públicas que já existam. Mais tarde, e já havendo efectivamente condições, o Estado pode abrir porta para um terceiro grande grupo. Ou seja, haverá seguramente

uma terceira licença, mas não se sabe quando é que isso ocorrerá”.

Inssistindo na questão da concorrência no mercado, a fonte defende que ela existe, não sendo verdade o contrário, mas argumenta que, atendendo aos *timings* de desenvolvimento das empresas, que foi diferente para cada uma, é normal que uma se tenha distanciado das demais. “Falando especificamente da Unitel e da Movitel, que são as duas grandes empresas, a primeira investiu muito dinheiro para ter as infra-estruturas que tem hoje, e merece estar na posição actual, mas infelizmente o mercado não lhe apresenta nenhum concorrente à altura”.

António Geirinhas reforça que, entretanto, se o Estado angolano adoptar uma

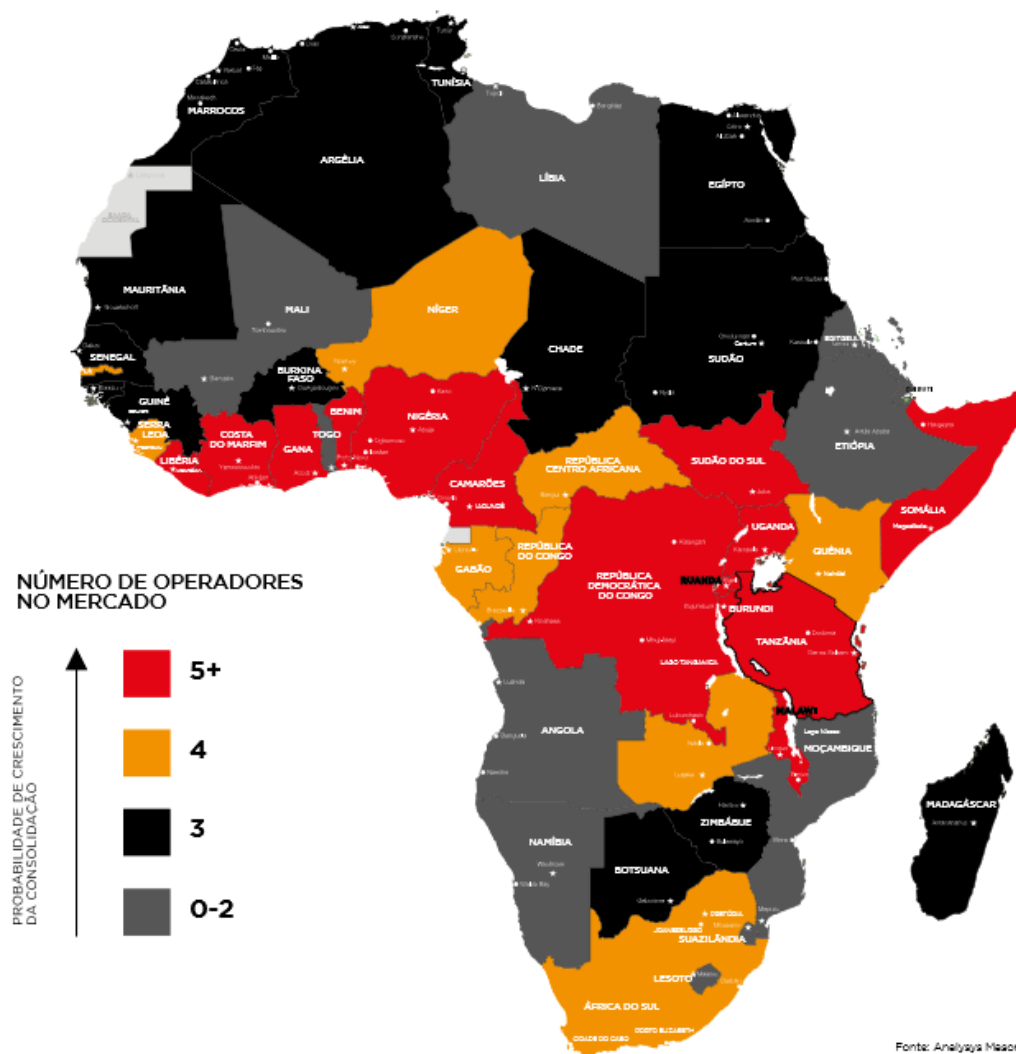
estratégia em linha com o seu ponto-de-vista, que consiste em olhar para o sector e perceber que só existe um grande grupo, e a partir daí apostar na criação de concorrência, o sector das telecomunicações em Angola pode estabilizar-se em termos concorrenciais dentro de cinco anos.

Para Boris Nemsic, parceiro executivo e conselheiro independente da Delta Partners, Angola tem a oportunidade de estabelecer três operadores como impulsionadores do mercado, mas esta é uma decisão que depende da estratégia assumida pelo Estado.

O especialista, que falava no Primeiro Fórum Angolano das Telecomunicações, decorrido no início deste ano, avançou ainda que o país posiciona-se, em África,

numa zona de rendimento médio, mas com maior desigualdade económica. Este facto, de acordo com Boris Nemsic, mostra, por um lado, os níveis de penetração do SIM, e por outro lado a penetração humana, sendo que em Angola esta é maioritariamente jovem, o que é saudável. “Onde quer que tenhamos uma penetração de SIM muito alta, e menor penetração humana, especialmente população com mais idade, há algo de errado com os dados”, afirmou o especialista, tentando fazer perceber à audiência que o mercado das telecomunicações em Angola é promissor. “O caso de Angola é um bom exemplo, o quer dizer que o investimento em operadoras de telecomunicações angolanas é o caminho certo”, salientou, ▶

NÚMERO DE OPERADORES DE TELEFONES EM ÁFRICA POR PAÍS



- ▶ acrescentando que o mercado nacional sofre de sub-investimento, o que é uma boa notícia.

A CAMINHADA AINDA É LONGA

Apesar dos actuais esforços, Luanda e mais meia dúzia de cidades são os únicos locais onde os

serviços de telecomunicações se equiparam com o que se oferece em mercados desenvolvidos, mas António Geirinhas, director da Multitel, lamenta que o resto do país ainda careça de atenção.

“Eventualmente, nas grandes cidades, como Benguela e Lobito, as coisas estão a melhorar, mas verificamos uma

grande diferença quando as comparamos com as condições existentes em Luanda, não só ponto-de-vista do tipo de serviços, mas também da sofisticação das infra-estruturas. Hoje, por exemplo, o *triple-play* (voz, dados, televisão) só existe na capital do país, e em zonas muito específicas”.

Entretanto, a fonte reconhece que em telecomunicações os programas integrados nunca demoram menos de duas dezenas de anos para serem implementados na íntegra, principalmente quando se trata de um país que está a reconstruir a sua infra-estrutura.